

O MESTRE CANTEIRO JUCA: CAMINHOS DE UMA PESQUISA E EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Fernanda Amaral Mota¹, Francielle Câmara Nogueira², Carlos Alberto Pereira²

¹ Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, MG

² Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, MG

pereira@demin.ufop.br

Resumo

Este trabalho objetiva divulgar e trazer para discussão uma pesquisa realizada em 2014 na Universidade Federal de Ouro Preto, MG. Investigou-se o ressurgimento da técnica da cantaria em Ouro Preto, propiciado pelo extensionista José Raimundo Pereira, Mestre Juca (1923-2006), considerado o último mestre canteiro de Minas Gerais. Mestre Juca iniciou-se como autodidata em trabalhos com a técnica na década de 80 e até o ano de sua morte, em 2006, realizou inúmeras restaurações no estado. Tornou-se, além disso, responsável pela criação do Programa Cantaria da Universidade que, desde 2000, atuou na extensão universitária, promovendo intenso diálogo entre a Universidade e a comunidade por meio de atividades como visitas a bens históricos e aulas práticas de cantaria. Procuramos evidenciar o papel de Mestre Juca para a conservação dos monumentos e preservação do saber-fazer da cantaria. A metodologia da História Oral foi considerada de grande pertinência no trabalho. A partir das contribuições teórico-metodológicas da micro-história, consideramos a relevância histórica e social desse trabalho ao partirmos da ideia de que um estudo sobre o único indivíduo que atuou frente a questões relacionadas ao resgate de um ofício, pode ressignificar a importância de técnicas em vias de extinção, como a cantaria. Dentre os resultados, foram construídos um texto e dois artigos apresentados em congressos. Ao trazer a memória do Mestre Juca para o Programa de Extensão Cantaria, acreditamos contribuir para a formação de uma consciência mais apurada da história e da historicidade dos bens e do cotidiano de outros indivíduos que trabalham com técnicas construtivas na contemporaneidade.

Palavras-chave: cantaria, patrimônio, consciência social.

Abstract

This work aimed to produce a text biography of José Raimundo Pereira (1923-2006), ouro-pretano citizen, responsible for reinventing the art of masonry in the state of Minas Gerais, thus becoming the last master of the stoneworks in the area. The masonry consists in using rocks for ornamental purposes in buildings or structural. Widely used in buildings of the colonial period, no longer found representatives among “mineiros”- Minas Gerais citizens, in the twentieth century, which needed the use of outside labor for the restoration of monuments that had been consumed by time or other problems affecting their conservation. José Raimundo Pereira began to form self-taught work with stone in the 80s and even

the year of his death in 2006 made numerous restorations in stonemasonry monumental around the state. Considering the importance of the technical rescue of Minas Gerais heritage to the asset base that houses the state and the formation of new beds, this project is guided on the contributions of the methodology of oral history in junction with other documentary sources. We have the working papers of the biography, from magazines that mention photographs. In addition, we have available interviews with the stonework master and his wife Dona Ilda Pereira, the bed formed by José Raimundo Pereira, Francisco de Oliveira Barbara among others. With these documentary sources built up a biography that articulated the life of the master to other mechanical trades at risk of extinction and to consider the contemporary issues related to inheritance of Ouro Preto and Brazil as a whole, since its rescue and Stonework are closely related to these issues discussed as a great importance nowadays.

Keywords: stonework, monumental, restorations.

INTRODUÇÃO

Casarões e fachadas compõem parte do cenário de muitas cidades do interior do Estado de Minas Gerais. O estilo de vida do presente se mescla com construções coloniais, promovendo a sensação de retorno ao passado. Construções civis e religiosas integram o conjunto arquitetônico e paisagístico do local. As fachadas das casas e igrejas, as construções que serviam ao poder público, a decoração interior dessas construções, fontes, pontes, chafarizes, todos esses monumentos são símbolo da opulência e poder advindos da exploração do ouro no século XVIII e XIX. Atravessando o atlântico, diversas técnicas chegavam ao Brasil, o que fez com que a colônia adquirisse traços europeus em suas construções, apesar de apresentar particularidades no estilo e nos materiais utilizados. Dentre essas diversas técnicas,

destaca-se a cantaria. Onipresente no cenário urbano atual, essa técnica veio para o Brasil em meados no século XVI com a vinda do governador geral Tomé de Souza. Consiste basicamente em “Lavar a rocha em formas geométricas ou figurativas para construções, com finalidade ornamental e/ou estrutural” (Pereira, Licardo e Silva, 2007).

Durante o século XVIII foi utilizada em grande escala nas construções da antiga Vila Rica. No início do período colonial, as rochas vinham de Portugal, sendo a mais utilizada. Posteriormente, com a ocupação dos sertões, tornou-se difícil o transporte a longas distâncias pelo interior, e isso fez com que a pedra regional conhecida por itacolomito se tornasse a matéria-prima das obras de cantaria da região de Ouro Preto. Porém, com a decadência da atividade de extração do ouro e a transferência da

capital mineira para Belo Horizonte em 1897, já no século XIX, o trabalho com a cantaria se tornou escasso e houve uma ausência de mestres canteiros, que são os responsáveis pelo talhe das pedras utilizadas na técnica. Sendo assim, quando da necessidade de restauração de alguma obra feita por meio da cantaria, era necessária mão de obra de outros estados ou mesmo de fora do Brasil.

Ouro Preto, esplendorosa no período da mineração, já não contava com mestres canteiros que residiam na cidade, nem tampouco na região. No regime republicano, o efeito da perda dos oficiais mecânicos se fez sentir. No início do século XX, mais especificamente por volta da década de 30, Ouro Preto, outrora Vila Rica, assim como as antigas vilas auríferas, passa por um processo de preservação do patrimônio histórico. Isso ocorre principalmente por meio de uma política preservacionista do antigo Serviço de Proteção Histórica e Nacional (SPHAN) e do modernismo. A preocupação republicana era modernizar e encontrar as raízes do povo brasileiro. No início da década de 20, os modernistas visitaram a cidade de Ouro Preto, o que contribuiu para o destaque da cidade como centro intelectual e cultural. Assim “Na busca de entender a história, as raízes de construir a identidade de uma nação em desenvolvimento, os modernistas acabaram elegendo casarões, cidades, monumentos e igrejas coloniais barrocas como bem

representativos de uma história e de uma arte brasileira autêntica” (Apud Gonçalves, 2002). A importância conferida aos bens de Ouro Preto fez com que a cidade fosse elevada a “monumento nacional” no ano de 1933 (Cifelli, 2005).

Ao visar à preocupação em preservar os monumentos da cidade, buscou-se a manutenção de aspectos da antiga vila colonial. Para que isso fosse possível, investiu-se na recuperação e restauração de obras que apresentavam problemas de conservação e desgaste pelo tempo. Porém, como supramencionado, nem todas as técnicas contavam com pessoas capacitadas para seu exercício. Eis que surge a pessoa que nos interessa em meio a esse panorama. Trata-se de José Raimundo Pereira, um senhor que nasceu em Ouro Preto no ano de 1923 e, na década de 80, desenvolveu trabalhos com a técnica da cantaria, se tornando o responsável pelo ressurgimento desta em um momento em que a cidade passava ao mesmo tempo pela valorização de seu patrimônio histórico e cultural, mas não possuía mão de obra para a restauração dos trabalhos em cantaria.

Tendo em vista essas primeiras considerações e a partir da compreensão de que não é possível captar cada ponto de uma existência humana, visto considerar que nenhuma vida é construída de forma linear e sem contradições e a vida cotidiana é repleta de dúvidas, de momentos de incertezas e a

identidade de uma pessoa se constrói de forma fragmentária e dinâmica, longe de se constituir de forma ordenada (Levi, 1998), esse trabalho tem a pretensão de buscar uma aproximação da trajetória de vida de José Raimundo Pereira.

METODOLOGIA

A memória de José Raimundo Pereira, mais conhecido por seu Juca ou Mestre Juca, não se limita a seus amigos e familiares, nem tampouco a Ouro Preto, sendo ele lembrado por pessoas de outros lugares do mundo. Terá sido ele um indivíduo singular? Alguns o lembram com carinho, aquele carinho que se tem por uma pessoa da família ou mesmo um amigo. Outros o recordam como verdadeiro mestre. Há ainda os que evocam sua memória como alguém importante e digno de ser conhecido por outras pessoas. No presente trabalho, a vida de seu Juca foi analisada por um viés historiográfico, o que não descarta que reconhecemos a dimensão subjetiva aqui presente. Consideramos que “Reconhecer tal subjetividade não significa abandonar todas as regras e rejeitar uma abordagem científica, isto é, a confrontação das fontes, o trabalho crítico, a adoção de uma perspectiva”.

Já que consideramos a importância de um método científico na construção desta pesquisa, pautamo-nos nas contribuições da história oral. Nos anos de 2004 e

2005, Deise Simões Rodrigues, aluna da Universidade Federal de Ouro Preto do curso de História, realizou entrevistas com José Raimundo Pereira, sua esposa Dona Ilda Pereira, os canteiros Edniz e Francisco Bárbara de Oliveira, ambos formados por Mestre Juca, e ainda com o então prefeito de Ouro Preto, Ângelo Osvaldo, que exercia o cargo nos anos das entrevistas e havia sido secretário da cultura no período em que o Mestre Juca resgatou a técnica da cantaria. Todas essas entrevistas ocorreram no decorrer de uma pesquisa apoiada pelo CNPq e, através da utilização dessas fontes orais, o projeto Cantaria da UFOP, por meio da aluna Deise Simões de Carvalho e do professor Doutor Carlos Alberto Pereira, conseguiu produzir mais três textos sobre o Mestre Juca. Esses textos problematizaram a vida de seu Juca através de sua relação com a reinvenção do ofício. Foram publicados e apresentados em congressos e abriram possibilidades para novas abordagens acerca do último mestre canteiro de Minas Gerais.

A utilização dessas entrevistas foi de enorme contribuição na busca por reconstrução de parte da vida de Mestre Juca. A memória dos depoentes foi a nossa principal guia nessa tarefa. Além disso, a utilização de entrevistas de outras pessoas e não somente do relato do biografado possibilitaram a criação de um panorama de como foi construída pelas pessoas a figura de José

Raimundo Pereira. Por meio desses depoimentos, foi possível pensar em outros aspectos da sua vida além de sua relação com a cantaria, visto que ele, além de último mestre canteiro do Estado de Minas Gerais, exerceu papel de filho, irmão, pai, amigo, dentre outros. Sua existência perpassou o campo do trabalho. A memória das pessoas acerca de Mestre Juca não se restringe ao resgate da técnica da cantaria. Esse aspecto, sem dúvida, marcou a vida do mestre e das pessoas que o rodeavam, mas assim como todos os indivíduos, Mestre Juca atuava em vários campos ao mesmo tempo. Acreditamos que uma das inúmeras possibilidades do método da história oral é conectar essas esferas da vida de um indivíduo, dando sentido a uma trajetória individual e buscando ao mesmo tempo respostas para o coletivo.

A metodologia da história oral respondeu a muitos dos questionamentos colocados pela pesquisa, possibilitando, dessa forma, que o objetivo de construção de um texto sobre a trajetória de José Raimundo Pereira fosse possível. Além dessa metodologia, optamos por considerar a micro-história como uma abordagem de pesquisa que, dentre inúmeras outras possibilidades, pode nos fornecer contribuições para a análise de uma realidade colocada em constante relação com outras a partir da variação das escalas de observação. Revel deixa claro que a dimensão micro não representa nenhum

privilegio especial, mas que, no entanto, ao ser pensada a partir do princípio de variação, pode trazer novos contornos para a pesquisa.

É importante colocar que a proposta da micro-história não se volta para uma oposição entre o que é considerado particular ou geral. Para Jacques Revel, “Não existe, portanto hiato, menos ainda oposição entre história local e história global. O que a experiência de um indivíduo, de um grupo de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global” (p. 28).

A pretensão de investigação da vida de seu Juca, ao partir da premissa de que a variação de escalas pode enriquecer este trabalho em História, é o acompanhamento da vida de um indivíduo particular, autor de uma história única, mas, ao mesmo tempo, que teceu relações com o meio em que viveu, sendo parte de uma realidade social maior, que perpassa as vontades individuais. Assim, “... a escolha do individual não é vista aqui como contraditória à do social: ela deve tornar possível uma abordagem diferente deste, ao acompanhar o fio de um destino particular – de um homem, de um grupo de homens – e com ele, a multiplicidade dos espaços e dos tempos, a meada das relações nas quais ele se inscreve” (Revel, 1998 p. 21).

Dessa forma, a micro-história trouxe enormes contribuições em cada etapa da pesquisa que buscou pensar a vida de Mestre Juca como

um homem singular em constante relação com o meio em que viveu.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de pensar a vida de José Raimundo Pereira foi parte de uma iniciação científica que contou com o apoio da FAPEMIG. Foi possível a apresentação dos resultados encontrados ao longo de cada etapa e das compreensões que surgiram em dois congressos. Nesse artigo, percebemos a importância da divulgação de parte do texto que elenca a trajetória de seu Juca. É importante destacar que o texto foi reduzido em algumas partes em função do padrão estabelecido.

No ano de 1923, em meio a um contexto marcado por políticas de preservação ao patrimônio, nasce no Morro São Sebastião, em Ouro Preto, o homem que ficaria conhecido por ter resgatado o ofício da cantaria em Minas Gerais. José Raimundo Pereira era filho de uma dona de casa e de um apanhador de tropas. Desde pequeno, talvez por necessidade ou mesmo como ele afirmava, por prazer, estabeleceu contato com o mundo do trabalho, suas atividades sempre estando ligadas a algum ofício. Aos onze anos, teve seu primeiro emprego numa fábrica de chá próxima à Cachoeira das Andorinhas. Ia para o trabalho direto da escola e nele permaneceu até o terceiro ano quando teve que se mudar para o colégio Dom Pedro II, já que, no Morro São Sebastião, só ofereciam

até o terceiro ano do ensino primário. Desde então, até o ano de sua morte, em 2006, nunca deixou de exercer alguma função. “Não era chegado muito em escola, minha ideia mesmo era o trabalho, minha família era de gente humilde e eu queria ajudar. Lá de casa eu era o mais velho, sou o mais velho, só tinha uma irmã acima de mim, o resto tudo era abaixo” (Pereira, 2004a). José Raimundo Pereira não narrou sua vida antes de ingressar em algum tipo de trabalho. Quando foi realizada a primeira entrevista com seu Juca, na qual se pediu para que falasse sobre sua vida, ele iniciou sua fala a partir da época que começou a trabalhar. “A minha vida é o seguinte: eu, aos onze anos, já comecei a trabalhar, porque eu saía da escola e ia pro trabalho” (Pereira, 2004a).

Saiu da escola dos 13 para 14 anos, não fornecendo a data correta. Alegou que não gostava muito de estudar, sempre preocupado em ajudar em casa: “Não era chegado muito em escola, minha ideia mesmo era o trabalho, minha família era de gente muito humilde e eu queria ajudar” (Pereira, 2004a). Na sociedade industrial que estava se formando, era comum os jovens saírem de casa muito cedo à procura de emprego para ajudar nas despesas de casa. Esse foi o caso de seu Juca, que lembrou a condição da família ao justificar sua decisão de sair da escola.

Consideramos que o meio também propiciou as condições para

que o mestre desenvolvesse a técnica num período que demandava a restauração das obras do período colonial. Assim, ao mesmo tempo em que seu Juca pôde desenvolver sua técnica em Ouro Preto, ele dependia do contexto total para que isso se tornasse de fato possível. Os indivíduos têm sua margem de atuação, mas esta, além de depender das estaturas pessoais, depende também das condições históricas de cada época.

Como mencionado anteriormente, Ouro Preto, na primeira metade do século XX, passou por um período de valorização de seus monumentos, o que fez com que a cidade ganhasse o título de monumento nacional em 1933. A indústria do turismo ganhou impulso e, para isso, houve a necessidade de uma estrutura própria para atender às atividades desse setor. Nesse processo, várias modificações foram feitas para atender a demanda turística da cidade. Depois de trabalhar na fábrica de chá, José Raimundo Pereira foi tirar tinta na Serra da Brígida, sendo esse o segundo trabalho dos muitos que viriam durante sua vida. Em 1939, em meio a adequação da cidade para receber grande fluxo de turistas, a Casa de Câmara e a Cadeia de Ouro Preto passaram por uma reforma para se tornarem o Museu da Inconfidência. Seu Juca foi então trabalhar nessa reforma como servente de pedreiro. Nessa época, teve o primeiro contato mais próximo com a técnica da

cantaria. Nas entrevistas que concedeu, lembra com detalhes esse trabalho que se iniciou no ano de 1939 e foi até 1941. “Era servente, era um serviço tão bruto. Entrava lá às vezes 7 horas da manhã, 8 horas tinha muito ‘nego’ que não aguentava, ia embora, largava o serviço. Assim foi. Eu aguntei, era opinião, achava que já era homem, eu também sou homem e posso fazer” (Pereira, 2004a).

Canteiros portugueses e espanhóis trabalharam na reforma do Museu. Nesse momento, seu Juca ainda não tinha nenhum interesse em aprender o ofício, mas, apesar disso, relatou que foi buscar pedras na Serra do Itacolomi para a construção de um panteão dos inconfidentes que seria construído no interior do museu como memória à Inconfidência Mineira, ocorrida em 1789. Quando desenvolveu a arte, o mestre já tinha tido contato com a pedra utilizada nos trabalhos de cantaria de Ouro Preto.

A narrativa de seu Juca é estruturada quase em sua totalidade de forma cronológica. Apesar de procurarmos seguir sua lógica, como sabemos que a vida de uma pessoa não é linear, vez ou outra procuramos mostrar outros aspectos que não seguem necessariamente a ordem do tempo.

Além do turismo, Ouro Preto, na primeira metade do século XX, impulsiona sua economia com a atividade industrial. Mestre Juca então, depois de trabalhar na Serra do Itacolomi, vai para o Parque

Metalúrgico, onde fica de 1943 a 1947. Essa experiência não é relatada com detalhes nas entrevistas. Em 1948 vai para a Alcan, atualmente Novelis. Inicia-se como pedreiro numa turma de obras, mas aos poucos aprende a lidar com outros tipos de serviço da empresa. Contou que foi nesse emprego que aprendeu fazer cálculos que mais tarde o ajudariam no ofício de mestre canteiro. “Então, eu trabalhei em tudo isso e pra mim foi muito bom, sabe? Porque você pensa bem, eu aprendi lá dentro, inclusive aquelas partes de cálculo, de material e desenho, aquilo pra mim foi muito bom, eu marcava, executava o serviço mesmo” (Pereira, 2004a). Ao que tudo indica, nunca faltou disposição para executar as tarefas que eram destinadas a ele. Em casa, porém, gostava de ter seus momentos de descanso e não era uma pessoa que saía muito a passeio. De acordo com a entrevista concedida por Dona Ilda Maria Pereira, sua esposa, ele era uma pessoa mais caseira e quieta.

“Ele liga mais é pra trabalho, ele pra sair, se eu falar assim: Ó Juca, vamos lá na casa de Fulano. Ah, hoje não, deixa pra outro dia. Ele sempre deixa pra outro dia (risos). Ele está feliz, eu acho que é trabalhando, sabe. Se ele está em casa, tem hora que me dá até coisa, por que: Eh Juca sai do sol. Porque ele senta ali, fica cochilando: - Ah, não fica cochilando. Dá uma má impressão, não dá?” (Pereira, 2004b).

Seu Juca sempre deixou a administração da casa por conta de Dona Ilda. Segundo ela, os dois tiveram uma relação tranquila, assim como também sempre ocorreu com os filhos. Segundo seu relato, não era uma pessoa que gostava de brigar e procurava sempre se entender com a família para que tivessem uma relação tranquila, baseada no respeito. No início do namoro, seu Juca e Dona Ilda tiveram dificuldades em fazer com a que a família dele aceitasse a união dos dois, porém Dona Ilda conta que, com o tempo, a situação foi se modificando. Muitas das tradições do Morro São Sebastião são mantidas desde o período colonial, é uma comunidade muito fechada e os familiares de seu Juca preferiam que ele se casasse com alguém do bairro ou da própria família de acordo com o relato da entrevistada. Mas como de nada adiantou as objeções iniciais, conseguiram o apoio da família com o tempo e assim que se casaram, foram morar no bairro Veloso e lá tiveram dois filhos, os quais criaram sempre juntos.

Em 1975, já com 42 anos, Mestre Juca saiu da Alcan e se aposentou, porém relatou que foi convidado a trabalhar na Universidade Federal de Ouro Preto pelo reitor Teodolo Pereira. Permaneceu nesse trabalho até 1980, exercendo vários tipos de funções. Em 1980, a Universidade estabeleceu um acordo com o IPHAN e Juca foi então transferido para trabalhar nesse novo posto.

Foi no convênio com o IPHAN que Mestre Juca, ainda conhecido por seu Juca, já que o título de mestre viria com o desenvolvimento do trabalho com o ofício de canteiro, realizou sua primeira reforma utilizando o quartzito como material. Em 1980, uma cruz do bairro Pilar sofreu danos em sua estrutura por causa da ação de um estudante que tentou subir em seus braços. As pedras encaixadas, devido a ação desse estudante, se soltaram e a cruz foi desmontada acidentalmente. Seu Juca relatou então que lhe pediram para ajudar no conserto do dano causado. Porém, como, em Ouro Preto, não existiam mais canteiros, a proposta era que o reparo causado na cruz fosse feito utilizando-se cimento em meio ao pó do quartzito, a pedra mais usada em Ouro Preto nas obras de cantaria. José Raimundo Pereira, não conformado em ter que trabalhar com o cimento numa obra tão cara à história de Ouro Preto, mostrou indignação ao rememorar o episódio e contou que prontamente disse que não faria tal tipo de trabalho, que era um “fingimento” (Pereira, 2004a). Disse então que faria uma peça com a própria pedra. É interessante notar a fidelidade da memória do seu Juca. Não há como saber se realmente suas palavras foram de que a proposta da restauração era um fingimento, mas temos provas materiais de que seu primeiro trabalho foi na cruz do Pilar no ano de 1980, o que valida o seu discurso. As outras pessoas entrevistadas também relataram a

indignação e iniciativa do mestre perante seu primeiro trabalho.

O descontentamento de seu Juca em relação a não restaurar a cruz com o material original, segundo dona Ilda, vinha de um amor que ele nutria pela cidade e sua história. Em várias passagens do seu discurso, o mestre demonstrou fortes emoções ao considerar que os bens de Ouro Preto sofrem descaso da população e das autoridades. No entanto, através da análise das entrevistas, parece plausível afirmar que essa preocupação aumentou à medida que ele se envolvia mais diretamente com as questões referentes ao patrimônio.

Seu Juca relatou que foi preciso quatro tentativas e só então conseguiu que a cruz adquirisse um aspecto próximo ao da original. Essa restauração marcou o início de uma trajetória de mais de vinte anos de trabalho com uma arte que já não tinha mais representantes em sua cidade. Ele mal podia imaginar que muitas pessoas se lembrariam dele como uma pessoa importante pela sua atuação como o último mestre canteiro do Estado de Minas Gerais.

Depois de restaurar a cruz, José Raimundo não parou mais de trabalhar com a técnica da cantaria, se tornando um artista notável principalmente por ter aprendido o ofício sem que esse lhe fosse passado por outras pessoas. Ele sempre se colocou como um autodidata. “Agora o que aconteceu é o seguinte: eu comecei a trabalhar nesse lado do Pilar. Foi o meu

primeiro serviço, foi aquele lá do Pilar. Porque eles falaram comigo, e falei ‘vou tentar’. Eu tentei e até hoje eu tô nessa brincadeira” (Pereira, 2004a). Sabemos que ele realmente não teve a ajuda direta de nenhuma pessoa, a única ocasião que contou ter tido algum contato mais direto com a técnica foi na reforma do Museu, mas, na época, não atribuía importância alguma ao fato.

Logo após ter o primeiro trabalho concluído e aprovado pelo IPHAN, mestre Juca realizou sua segunda restauração, sendo esta na Igreja São Francisco de Paula. Lá fez uma cruz e um arco numa janela. Em 1991, saiu do convênio com a Universidade, aposentando-se pela segunda vez. Foi então trabalhar no Museu da Inconfidência em mais uma reforma, mas, dessa vez, atuando como canteiro e não mais como servente de pedreiro, como em 1939. Ficou seis meses nesse trabalho e somente em 1995 realizou mais uma obra, dessa vez no bairro Antônio Dias. Uma cruz quebrou por causa de uma ventania e seu Juca relembrou com empolgação que, no dia da inauguração da nova cruz feita por ele, fizeram uma festa no bairro. A pedra utilizada na confecção da cruz foi retirada da Escola Técnica. Sempre que podia José Raimundo aproveitava pedras que não estavam sendo utilizadas em nenhum trabalho, estando paradas e sem funcionalidade em algum local.

O Museu do Oratório foi o próximo local que recebeu os cuidados do mestre. Nesse local, ele

realizou uma restauração na fachada do prédio. Foi contratado por uma empresa de Belo Horizonte, a Caporal, e relatou que se tornou amigo do proprietário dessa empresa.

Seu Juca tinha plena consciência de que as pessoas tinham que preservar os bens da cidade, isso era fundamental para que não houvesse a desvalorização do patrimônio histórico ouro-pretano. Relatou que se baseava nas obras de Ouro Preto para fazer qualquer trabalho, o que foi reiterado pelo canteiro Francisco Bárbara de Oliveira, que havia sido aluno do mestre Juca e hoje tem uma oficina, onde faz peças com o quartzito e a pedra-sabão em Passagem, distrito de Mariana. “Ele gostava mais que a gente se espelhasse nas coisas da cidade e fazia as peças de acordo com o que existe na cidade”. Foi olhando as obras de Ouro Preto e se preocupando com a preservação de sua cidade natal que José Raimundo Pereira conseguiu se desenvolver como canteiro e formar pessoas capacitadas para atuarem e multiplicarem o ofício.

A obra do mestre não se restringiu a realizar restaurações pela cidade. Depois da reforma no Museu do Oratório, seu Juca ainda teria grandes realizações e projetos. Com sua força de vontade, ajuda e apoio dos familiares e amigos, conseguiria fazer com que outras pessoas se unissem a ele para a valorização do ofício de canteiro e das obras realizadas por esses trabalhadores.

Suas realizações sempre eram atribuídas a Deus. Religioso, disse sempre agradecer às mãos divinas por qualquer conquista ou mesmo pelo dom que possuía. Aliás, vale ressaltar que sempre atribuía seu aprendizado da cantaria a um dom, algo que considerava supremo, que vinha do alto. “Ele, ele usava uma palavra que ele gostava muito, ele falava assim: a gente não aprende nada se não tiver inspiração do alto, ou seja, inspiração divina” (Oliveira, 2007). As pessoas percebiam a fé que José Raimundo sempre carregava consigo onde quer que fosse, e ele mesmo se percebia como uma pessoa capaz de grandes realizações pela força de vontade e a presença de Deus. “Qualquer idade, você pode ter 80 ou 90, desde que você, Deus te deu ocê esse poder, essa saúde, você tem que aproveitar ela e é o que eu faço” (Pereira, 2004c).

Dizia também gostar muito do que fazia, encontrava prazer na realização de seus trabalhos. Não fazia nada por dinheiro, isso foi sempre apontado em seus discursos. Não ignorava que muito contribuiu com Ouro Preto e nem que formou vários profissionais na arte da cantaria, porém era agradecido às pessoas à sua volta, além de, claro, a Deus, como mencionado anteriormente. “O bom da vida de você é você fazer aquilo que você gosta e você ter um incentivo, porque é o que acontece comigo aqui” (Pereira, 2004c).

Muitos prêmios foram concedidos ao mestre Juca. Ele teve a oportunidade de viajar para a Europa para aperfeiçoar a técnica e disse ter ficado impressionado com o respeito que as pessoas têm pelos bens históricos ao mesmo tempo em que aqui, no Brasil, não existe essa mesma valorização. “Esse pessoal, sabe, eu tinha vontade que eles fosse num lugar igual lá na Itália, lá em Veneza, pra eles vê o respeito que o povo tem daquilo. Tem aqueles monumentos, aquela coisa, você vê que as pessoas passa ali e olha aquilo tá tudo conservado” (Pereira, 2004c). Sempre se mostrou indignado com o descaso das pessoas para com os bens tão caros, a cultura e a história de Ouro Preto. Apesar de se sentir incomodado com tantas questões que considerava erradas, seu Juca sempre fez o que pôde para contribuir com a formação de novas mentalidades em Ouro Preto acerca de questões ligadas ao patrimônio. Em vários momentos de sua fala, demonstrou acreditar que suas iniciativas estavam gerando frutos nesse sentido. Participou de vários eventos culturais, nos quais muitas vezes era homenageado por seu trabalho de grande importância para a preservação de cidades históricas. Foi integrante de um projeto da prefeitura de Ouro Preto em parceria com o Sebrae e com a FAOP, no qual o resgate de fazeres era o principal objetivo das iniciativas desse projeto. Foi nesse período que teve a oportunidade de ministrar, pela primeira vez, cursos para pessoas

interessadas em aprender a técnica da cantaria. Formou quatro alunos na primeira turma, sendo que dois desses alunos foram o Ângelo e o Francisco Bárbara que até hoje desenvolvem trabalhos com a cantaria, como mencionado anteriormente.

Por mais que a memória de seu Juca esteja, para muitas pessoas, ligada ao trabalho, não podemos esquecer que ele tinha sua vida e escolhas pessoais que não necessariamente estavam ligadas a sua função como mestre canteiro. Como todas as pessoas, passou por momentos difíceis e foi preciso muita força para suportar com firmeza as adversidades. Seu filho mais novo faleceu com 37 anos de idade, deixando saudades à família e amigos. Carlos Alberto Pereira, o outro filho de seu Juca, relatou emocionado que foi uma fase de muitas dificuldades, na qual a tristeza foi um sentimento constante. E foi em meio a esse período que, como forma de ajudar o pai a superar, surgiu a ideia de trazer para a Universidade Federal de Ouro Preto um projeto que inserisse em seus objetivos o aprendizado da cantaria e a preservação do patrimônio de Ouro Preto. Seu Juca iria ajudar em todas as etapas e seria responsável por formar novos canteiros na cidade. Foi montada uma oficina no campus da Universidade, e iniciou-se uma longa jornada de trabalho que, mesmo depois de tantos anos, ainda gera muitos frutos no que se refere ao

resgate da cantaria. Seu Juca, a princípio, ministrava cursos visando formar futuros canteiros. O início do projeto ocorreu no ano de 2000 e, aos poucos, foi se desdobrando em diferentes frentes de trabalho, além da formação de pessoas aptas a desenvolverem a técnica da cantaria. Atualmente atua no âmbito de pesquisa, ensino e extensão, todas as atividades estando sempre ligadas às questões de preservação do patrimônio e resgate da cantaria. Seu Juca plantou as sementes, hoje os frutos estão sendo colhidos através das ações promovidas pelo programa.

CONCLUSÃO

Esse trabalho procurou divulgar e trazer para discussão o ressurgimento da técnica da cantaria em Ouro Preto, propiciado pelo senhor José Raimundo Pereira, Mestre Juca (1923-2006). Consideramos a relevância desse trabalho ao compreender que um estudo sobre um único indivíduo que atuou frente a questões relacionadas ao resgate de um ofício trouxe novos significados para a história de Seu Juca, de Ouro Preto e, ainda, para a importância de técnicas que correm o risco de extinção.

REFERÊNCIAS

Fontes orais

OLIVEIRA, F.B. Ouro Preto, 6 de junho. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues, 2007.

SANTOS, A.O.A. Ouro Preto, 5 de julho. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues, 2005.

PEREIRA, I.M.A. Ouro Preto, 30 de maio 2005. 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues, 2005.

PEREIRA, J.R. Ouro Preto, 09 de fev., 1 fita cassete (60 min). Entrevista

concedida a Deise Simões Rodrigues, 2004a.

PEREIRA, J.R. Ouro Preto, 18 de março., 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues, 2004b.

PEREIRA, J.R. Ouro Preto, 10 de fev., 1 fita cassete (60 min). Entrevista concedida a Deise Simões Rodrigues, 2004c.